

A IRONIA COMO PRODUÇÃO DE HUMOR E CRÍTICA SOCIAL: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DAS TIRAS DE MAFALDA

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o humor e a ironia veiculados através da linguagem de Mafalda, personagem das tiras em quadrinhos de Quino. Partindo da noção de ironia como uma afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar, na qual o emissor deixa transparecer uma afirmação contrária por meio do contexto situacional ou entonação e observando três teorias da Pragmática: as máximas conversacionais do Princípio da Cooperação (Grice, 1975), a Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, 1986, 2005) e Atos de Fala (Austin 1990, e Searle 1969), serão analisadas dezesseis tiras de quadrinhos, protagonizadas por Mafalda, para mostrar como a estratégica irônica produz humor e crítica social. **Palavras-chave:** Ironia, humor, quadrinhos, pragmática.

1. INTRODUÇÃO

Há duas perguntas que nortearam todo o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa: O que faz com que um enunciamento irônico seja produtor de humor e ao mesmo tempo de crítica social? Com que propósito alguém faz uso desse recurso?

O presente estudo teve, então, por objetivo mostrar como a ironia se torna um importante veículo para a produção de crítica e humor nas tiras de quadrinhos. Para isso, foram analisadas 16 tiras de Mafalda para mostrar como a fala irônica é construída na intenção comunicativa da personagem ao fazer uma ironia.

Sabe-se que o humor irônico tem por característica provocar não só o riso, mas também a crítica; pois, quando se ironiza algo, o riso surge porque há a crítica, a ridicularização do outro, tornando-o inferior em relação ao produtor da crítica. Então, para entender melhor o funcionamento do humor, no primeiro capítulo, foram descritos alguns estudos conhecidos acerca desse tema. Diferentes são as perspectivas e as abordagens sobre o tema, porém todos têm um objetivo comum: o motivo do homem ser o único animal capaz de rir e provocar o riso de forma consciente. Nessa perspectiva, serão resenhados os estudos de seis autores: Bergson (1983 [1900]), Freud (1969 [1905]), Raskin (1944), Propp (1992[1976]), Possenti (1998) e Lins (2002) para melhor explicar o processo de construção do humor.

Após verificar o que Bergson, Freud, Raskin, Propp, Possenti e Lins afirmam sobre o humor, é possível perceber que o humor é próprio do ser humano, ou seja, só o homem pode ri e fazer o outro ri. Não há humor fora do ser humano.

Outro ponto defendido pelos autores é a dificuldade de se traduzir efeitos cômicos de uma língua para outra, na medida em que o riso se relaciona aos costumes e às idéias de certa sociedade. Por isso é que às vezes, é complicado traduzir o humor, pois o que pode ser risível para uma cultura pode não ser para outra, podendo ser até ofensivo.

Eles também asseguraram que o humor provoca uma sensação de alívio que pode amenizar a tristeza e também pode ser uma voz que critica camufladamente. Por isso, Rosas (2002, p. 33) sugere que “[...] o discurso humorístico não é simplesmente uma negação da comunicação ‘séria’: ele se apóia num princípio de cooperação particular, cuja base está na mudança do modo de comunicação”.

No caso das tiras de quadrinhos de Mafalda acontece o humor do tipo de comunicação *não bona fide* (Raskin, 1985), em que o ouvinte já espera a piada e não vai interpretar do modo *bona-fide*. Imediatamente, busca fazer as inferências para entender o texto satisfatoriamente. O autor de tiras de quadrinhos proporciona a quebra na expectativa, que gera a graça e leva à crítica. Também, ocorre o que Bergson denomina de *mundo às avessas*.

2. A IRONIA

No segundo capítulo, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a ironia, partindo dos estudos feitos por Kierkegaard (2006 [1841]) acerca do conceito de ironia clássica desenvolvida por Aristóteles e Sócrates, também será feita menção à ironia romântica e à ironia freudiana, definida como o resultado de um conjunto de procedimentos discursivos que podem revelar-se via um chiste, uma anedota, uma conversa. Não se pode deixar de mencionar que Brait (1996), foi de grande auxílio na construção desse capítulo, pois realiza uma abordagem da ironia nas áreas da filosofia, psicologia, sociologia, literatura e da linguística.

Após verificar o que Kierkegaard (2006), Freud (1905) e Brait (1996) afirmam sobre ironia, é possível afirmar que ela passou de figura de linguagem à estratégia discursiva e argumentativa. Como figura de linguagem, a ironia é vista como uma contradição de algo que se queira dizer. Como estratégia discursiva e argumentativa, a ironia não se dá apenas no nível do enunciado, do dito, mas do ambiente situacional e discursivo nos quais interlocutores e enunciações se relacionam, passando de um dito a outro, às vezes menos ou mais implícito ou explícito no produto enunciado. Buscam-se as marcas, as pistas de indicação de uma ironia pelo falante, sobre a qual não se tem garantia de reconhecimento pelo ouvinte.

3. A PRAGMÁTICA

No terceiro capítulo, foram explicitadas as noções da Pragmática que serão utilizadas na análise do *corpus* selecionado. Para isso, foram apresentadas três teorias contempladas pela disciplina: as máximas conversacionais e a noção de implicatura de Grice (1975), os pressupostos teóricos da Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986), e a noção de ato de fala elaborada por Austin (1990) e Searle (1969).

A ironia presente em Mafalda foi analisada a partir de três teorias da Pragmática. Para isso, serão explanados os conceitos de Austin (1990[1962]) e Searle (1969), que desenvolvem a noção de atos de fala,

que consistem em analisar as ações praticadas via enunciados, pois como afirma Austin, a comunicação não é composta apenas de palavras e estruturas gramaticais, mas também de ações, ou seja, dizer é fazer, é agir. Outro autor a ser estudado é Grice (1982[1975]) que mostra que, por trás de uma afirmativa quase sempre há algo “encoberto” (implicatura), e para avaliar essas implicaturas, o autor analisa as afirmativas por meio de quatro máximas conversacionais: Quantidade, Qualidade, Relevância e Modo; e será finalizado com os conceitos da Teoria da Relevância (TR), de Sperber & Wilson (2005[1986]), que demonstram que a TR está baseada na suposição de que o receptor fará esforço para processar uma afirmação se ele a achar relevante.

4. O GÊNERO QUADRINHOS

No quarto capítulo, foram expostas algumas considerações sobre o gênero quadrinhos, uma vez que são tiras de quadrinhos que compõem o *corpus* desse trabalho. Os quadrinhos são pequenas narrativas que interligam texto escrito com imagem, ampliando, assim, a compreensão do fato ocorrido (Rama e Vergueiro, 2004). Além disso, serão analisados os outros componentes que constituem os quadrinhos, como balões, os tipos diferentes de letras, as onomatopéias e as linhas de movimento. E, também, foi observado o contexto sócio-político-ideológico da época em que as tiras de Mafalda foram publicadas.

É por isso que os quadrinhos foram escolhidos como *corpus* deste trabalho, porque a HQ tem a vantagem de poder, ao mesmo tempo, mostrar a cena e fazer as personagens falar, pronta a fazer com que o dito contrarie a imagem, trabalhando, assim, com o humor e também com a ironia.

Assim, Melo (2003) expõe que uma das características marcantes dos quadrinhos é seu caráter lacunar, uma vez que, por trás do dito, há toda uma instância do dizer, a evidenciar que a significação da tira vai muito além da simples manifestação verbal. Desse modo, uma das funções do leitor é o preenchimento do que não foi dito pela recuperação dos implícitos e pela percepção dos efeitos de sentido desejados pelo autor.

As inferências são processos mentais de decodificação, enriquecimento, reconhecimento, pressuposição, processamento, validação e conclusão de uma palavra e/ou enunciado, em um contexto. “Sempre podemos fazer muitas inferências a partir dos elementos de um texto, uma vez que os textos mostram uma quantidade mínima de coesão formal, abrindo muitas linhas de possíveis inferências” (Melo, 2003), o que normalmente requer que o leitor faça quantas inferências forem necessárias para obter a compreensão do texto.

O leitor é sempre responsável pela projeção do sentido que melhor lhe convier, a partir da posição política, social, econômica e pessoal que ocupe. Portanto, a interpretação de uma piada depende também das inferências, ou seja, das conexões que as pessoas fazem, quando tentam estabelecer a compreensão do que lêem. Os textos dúbios, como são os textos de humor exigem que o leitor realize várias inferências para construir o sentido, e o resultado dessas inferências leva ao riso.

5. METODOLOGIA

No quinto capítulo foi explicitada a metodologia utilizada para a análise das tiras, como também serão informadas a natureza do *corpus* e a seleção dos dados. Então, para explicitar como o humor irônico é realizado, foram selecionadas quinze tiras da publicação *Toda Mafalda* e uma tira do livro *Mafalda Inédita* de autoria do argentino Quino, da editora Martins Fontes – 1991 e 2001, respectivamente. As tiras escolhidas tentam descrever as estratégias que o autor utiliza para produzir a ironia interligada ao humor para mostrar crítica social. Essas críticas estão ligadas ao governo que são feitas de modo camuflado, pois a Argentina estava em plena ditadura, e quem ousasse falar contra o sistema seria punido. E, também, versam sobre o mundo e sobre a condição feminina.

6. A ANÁLISE

No capítulo sexto, foram analisadas dezesseis tiras de autoria do argentino Quino, com vista a explicar como se processa a produção do humor e da ironia.

As tiras de Quino têm a preocupação com a discussão de certos temas que sugerem críticas sociais. Dessa forma, o humor e a ironia estão presentes nessas narrativas. Pode-se dizer, então, que Quino mostra aos seus leitores suas análises do contexto social-histórico-político do momento, levando os mesmos a verem a triste realidade da América Latina bem como de outros países em conflito.

A personagem Mafalda, ciente desses conflitos sociais, políticos, culturais, demonstra desejo de discutir essas situações, a fim de que, de alguma forma, possa participar efetivamente das discussões, contribuindo, talvez, para o entendimento dos povos, bem como a modificação dos problemas que a preocupam.

Assim, a análise das tiras selecionadas teve por objetivo mostrar como a ironia é usada para produzir humor e crítica social. A ironia será discutida tomando-se por base três teorias da Pragmática: pela violação das máximas conversacionais, pelo percurso de busca da relevância e pela execução dos atos de fala.

A seguir um exemplo de como as tiras foram analisadas:



Tira 1

A ditadura era muito brutal e usava de táticas cruéis para conseguir informações sobre as atividades de grupos e pessoas ligadas à oposição durante esse período. Quando não conseguia “arrancar” nenhuma informação, dava-se início ao processo de tortura, indo de tapas, sessões de choque elétrico, mutilação até a morte. Silva (2002) afirma que as sequelas deixadas pela tortura eram de tamanha dimensão que muitos presos

desejaram ser levados à morte para se livrar delas. E dessa forma, Quino faz uma crítica sobre o modo que a ditadura tratava seus informantes.

O desfecho dessa tira se dá com a mudança de um *script* para outro (Vale lembrar que, num texto humorístico há, normalmente, a presença de dois *scripts* opostos). A mudança de *scripts* se dá por meio do que Raskin chamou de *trigger*, isto é, o “gatilho”, que faz com que o conteúdo semântico da interação passe de um *script* a outro. Na tira em análise, dois *scripts* podem ser identificados: um *script* é a reforma de uma rua e outro *script* é sobre a forma como os ditadores agiam, como pode ser observado na fala de Mafalda.

Após analisar o contexto em que as tiras foram elaboradas, como o humor foi produzido e as marcas paralinguísticas presentes nas tiras, será mostrado como se processa a ironia por meio de três teorias da pragmática: Princípio da Cooperação, Teoria da Relevância e Teoria dos atos de fala.

Então, nessa tira a máxima da qualidade é violada, pois é possível perceber que Quino não poderia falar a verdade, porque o país estava vivendo em ditadura e ele poderia sofrer trágicas consequências se ousasse opinar claramente, por isso, viola a máxima da qualidade. Ele espera que o leitor entenda o enunciado como irônico e não como mentiroso.

A tira 1 também foi analisada à luz da teoria da Relevância:

Assim, pela parte visual é possível perceber:

- (i) Há alguns homens trabalhando com britadeira e compactador manual;
- (ii) A expressão facial de Mafalda;
- (iii) As letras do balão de fala escritas em letras maiores do que o tamanho normal e todas em caixa alta.

Analisando as partes visuais e linguísticas, o leitor deverá resgatar de sua memória as seguintes informações:

1. Quando a tira foi publicada, a Argentina estava em um período ditatorial.
2. A ditadura usa de táticas cruéis para conseguir informações.
3. Nos quadrinhos, as letras escritas em caixa alta representam que alguém está gritando ou com raiva.

Após essas informações, é possível supor que:

- S1 Os ditadores torturavam os informantes para que eles delatassem possíveis planos e pessoas envolvidas nas militâncias.
- S2 As pessoas já estavam a par do que acontecia com os presos políticos e não estão satisfeitas com o modo que elas eram tratadas.

Assim, apesar do autor não ter condições de exercer sua cidadania plenamente, ele tenta, através da tira, fazer com que os leitores consigam perceber o que está acontecendo no país para que eles busquem a redemocratização.

E pela teoria dos Atos de fala, na tira 1, houve o ato de fala irônico, pois a personagem ironizou ao criticar a ditadura. Além de haver tanto o ato de fala assertivo/representativo, quanto o ato de fala diretivo. Assertivo porque o falante se compromete com a verdade. A verdade foi dita, mas de modo camuflado, e o ato de fala diretivo (fazer com que o ouvinte realize algo), pois o autor espera que o leitor compreenda a crítica feita e queira que o país saia do regime ditatorial e volte para a democracia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo sete, foram apresentadas as considerações finais e no oitavo as referências.

Este trabalho teve o propósito de analisar como Quino utiliza o recurso da ironia para produzir humor e crítica. Os resultados revelam que a ironia é um mecanismo presente nas tiras de Mafalda, muito utilizado pelo autor, para expressar uma idéia ou sentimento através das palavras, que, aparentemente, exprimem o contrário. Ler uma tira de Mafalda é perceber as sutilezas textuais e inferir, a partir delas, os enunciados irônicos e sua funcionalidade nas tirinhas. As personagens, em geral, ou dizem aquilo que não acreditam ser, violando as máximas propostas por Grice; ou utilizam o recurso da inferência, que permite que o leitor perceba as pistas linguísticas que levam a conclusões sobre os implícitos textuais, ou, ainda, empregam os atos de fala.

É interessante notar que a grande parte dos autores estudados afirma que a ironia se faz quando há uma afirmação contrária sendo pronunciada, porém esta afirmação contrária não é uma afirmação falsa. O locutor quer deixar bem claro que faz uso da ironia para pronunciar um discurso que deve ser entendido pelo leitor como contrário ou para gerar riso ou crítica, pois, às vezes, as críticas devem ser feitas “encobertas” para não causar represálias ao enunciador. No entanto, a ironia só vai ser bem sucedida se o ouvinte for capaz de entender o que está sendo proposto pelo falante.

É o que ocorre quando há quebra de máximas conversacionais, o enunciado problematiza o dito e o leitor talvez não consiga perceber o que está implícito naquele texto. Se o ouvinte, ou leitor, neste caso, falha em relacionar o dito e o implícito, automaticamente inicia uma série de cálculos mentais a fim de buscar uma interpretação para tal enunciado, e pode ser que a ironia via implicatura não surja com o devido efeito proposto. Mafalda utiliza, muitas vezes, das máximas para proferir suas falas, ou para produzir humor ou crítica.

Os dados mostram que o humor pela ironia ocorreu devido aos seguintes mecanismo: ambiguidade (tira 10), inferência (tiras 1, 8, 12, 11 e 16), quebra das máximas (tiras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10 e 14), conhecimento prévio (tiras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10), quebra de expectativa (tiras 5, 6, 14 e 16), mudança de *scripts* (tiras 4, 5, 10) e representação do mundo às avessas (tiras 1, 3, 6, 7, 8, 11, 13, 14, 15 e 16).

Desse modo, puderam ser respondidos os dois questionamentos feitos no início desse trabalho: O que faz com que um enunciamento irônico seja produtor de humor e ao mesmo tempo de crítica social? Com que propósito alguém faz uso desse recurso? É possível responder que quem faz um pronunciamento irônico o faz para se afastar do discurso proposto, para não ser a voz que fala. No caso das tiras analisadas, Quino utiliza essa estratégia para transmitir um juízo de valor, pois pretende avaliar e criticar, mas sem se comprometer com o que está sendo dito. Assim, ele não seria “culpado” pelos comentários feitos nas tiras, principalmente naquelas que versam sobre política.

8. REFERÊNCIAS

ADORNO, Camilo Tellaroli. *A ironia no romance Quase memória, de Carlos Heitor Cony*. Dissertação de mestrado: Universidade Estadual Paulista. 2006. disponível em: www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?view=3939 – Visitado em 07 de maio de 2007

ARAÚJO, Denise Castilhos de. *A questão do gênero nas histórias em quadrinhos de Mafalda (Quino)*. 2003. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/5095/1/NP16ARAUJO.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2007.

ARMENGAUD, Françoise. *A Pragmática*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

ATTARDO, Salvatore. Violation of conversational maxims and cooperation: The case of jokes. *Journal of pragmatics*. n. 19, 1993.

AUSTIN, Jhon. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio Sobre a Significação do Cômico*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (1983[1900])

BORGES, Eliana Maria. *Discursos de identidades em tiras de humor*. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Outubro 2006. Dissertação de Mestrado.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP. 1996.

BROWN, Gillian e YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 1983.

CAVALCANTI, Ronaldo A. *O mundo dos quadrinhos*. São Paulo: Símbolo. 1977.

CIRNE, M. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

DA SILVA, Nadilson M. *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação - Campo Grande /MS - setembro 2001

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luis Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEIJÓ, Mario. *Quadrinhos em Ação: Um Século de História*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

FERNANDES, Miriam Munhoz. *O papel da mulher na sociedade brasileira: da sociedade colonial aos dias atuais*. 2005. Disponível em: http://www.monteirolobato.com.br/material/palestra_miriam.doc

- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto. 2002
- FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. In: Souza, Santinho de Souza. *Olhares e perguntas sobre ler e escrever*. Vitória: Florecultura. 2002
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. V.VIII. 1969- (1905)
- GREEN, Georgia. What is Pragmatics and why do I need to know, anyway? In: _____. *Pragmatics and natural language understanding*. 2ª ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.
- GRICE, Paul H. *Lógica e conversação*. (Trad João W. Geraldi). In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística (vol IV): Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: UNICAMP. 1982. (1975)
- GUYOT, Didier Quella. *A história em quadrinhos: 50 palavras*. (trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral). São Paulo: Edições Loyola. 1994.
- Herculano. Dionísio. A ironia romântica na obra novelística de Alexandre Disponível em <http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf-16-02-2/por/Mathiassen.pdf>. Visitado em 28 de março de 2007.
- IANNONE, Leila R. & IANNONE, Roberto A. *O mundo das histórias em quadrinhos*. 5.ed. São Paulo: Moderna. 1994.
- KIERKEGAARD, S., *O Conceito de Ironia Constantemente Referido A Sócrates*, trad. br. de Valls, Petrópolis, Vozes, (2006[1841])
- KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990
- _____. *Texto e coerência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, (1999[1989]).
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 5ed. São Paulo: Cortez, (2006[2002]).
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges e Anibal Mari. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- LINS, Maria da Penha P. *O humor nas tiras de quadrinhos: Uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer. 2002.
- MACHADO, Ida Lúcia. A ironia como fenômeno linguístico-argumentativo. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 1995. v.2

MARCUSCHI, Luis Antônio, Gêneros Textuais: definição e funcionalidade, In. Org. DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora, *Gêneros Textuais e Ensino*, Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

MELO. *Marise de Cássia Soares de*. Há alegria no saber: um estudo sobre a coesão e a coerência na promoção da comicidade nas histórias em quadrinhos. 2003. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/doc/39.doc>. Acesso em 19 de novembro de 2007.

MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Considerações acerca de aspectos discursivos da ironia. In: Machado, Ida Lúcia. *Analizando discursos*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 1994.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: Org. DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora, *Gêneros Textuais e Ensino*, Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

MUNIZ, Kassandra da Silva. *PIADAS: Conceituação, Constituição e Práticas- um estudo de um gênero*. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. Abril/2004. Dissertação de mestrado

PEREZ, Joubert Castro, RAMOS, Cristina Maria Chaves e OLIVEIRA, Maria Eunice de. *A polifonia em textos de humor*. 2002. Disponível em: <http://www.unasp-ec.edu.br/biblioteca/tcc/arquivos-conteudo/arquivos-indice/tcc-letras%5Ctccmariae Cristina.doc> Acesso em: 11 de novembro de 2007.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II. São Paulo: Cortez, 2001.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática. 1992.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

_____. *Mafalda Inédita*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

RAMA, Ângela & VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto. 2004.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Boston, D.Reidel Publishing Company.1985. p. 1-139.

ROCHA, Décio Orlando Soares da. *Polifonia em enunciados negativos: vozes que habitam o dizer "não"*. *Delta.*, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100004&lng=pt&nr=1>. Acesso em: 16 Maio 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *As dimensões da pragmática na comunicação*. Rio de Janeiro: Diadorim. 1995

ROSAS, Marta. *Tradução de humor: transcribando piadas*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

SAURET, Marie-Jean. Lógica da ironia. *Psicol. USP.*, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 Maio 2007. Pré-publicação.

SCHLEGEL, Friedrich, *Conversa sobre poesia e outros fragmentos*, Tradução, prefácio e notas: Victor-Pierre Stirnimann, São Paulo, Iluminuras, 1994.

SEARLE, J. R. – *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: CUP, 1969.

SILVA, Nilson Roberto Barros da. *Um estudo sobre a recepção do humor*. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2006. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.ucece.br/cmlanovo/disserta/nilsonrobertobarrosdasilva>. Acesso em 11 de novembro de 2007.

SILVA, Victor Hugo Alves. A matança de Ezeiza. In: *Cadernos de História. Memorial do Rio Grande do Sul, nº 14 Voltaire Schilling*. 2002. Disponível em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/argentina.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2007.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 3ª ed. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

SOUZA, Jamille Militão. *Graus de explicitação em reescrita de produção textual: Análise, uma base na teoria da Relevância, dos efeitos da intervenção oral docente*. Tubarão: Universidade do Sul de Catarina: 2006. Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/84920_Jamile.pdf. Acesso em: 18 maio de 2007.

SPERBER Dan & WILSON Deirdre. *Rhetoric and relevance*. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 5, número especial, 2005. Disponível em <http://www.dan.sperber.com/rhetoric.htm>. Visitado em 20 de abril de 2007.

_____. *Posfácio da edição de 1995 de "relevância: comunicação & cognição"* Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 5, número especial, 2005. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/09.htm>. Visitado em 20 de março de 2007.

STALNAKER, Robert. Pragmática. In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística (vol IV): Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: UNICAMP. 1982.

A IRONIA COMO PRODUÇÃO DE HUMOR E CRÍTICA SOCIAL:
UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DAS TIRAS DE MAFALDA
Mônica Lopes Smiderle de Oliveira

VOESE, Ingo. *O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo*. Tubarão:
UNISUL. 2007.

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Univ. Press. 1996.